

## NOTA DOS TRADUTORES

*Sobre o título do romance:*

Actualmente, o leitor comum considera que o título desta obra é composto por dois antónimos — guerra e paz — e, tradicionalmente, as traduções para línguas estrangeiras consagram o título «Guerra e Paz». Na verdade, no original russo não consta a palavra «paz», mas sim um seu homófono que significa «universo, sociedade, mundo humano» (no tempo de Tolstói os dois homófonos tinham grafia diferente, o que actualmente não acontece, e daí a confusão). Os tradutores da presente obra, porém, resolveram não contrariar a tradição e manter a tradução do título já consagrada no Ocidente.

# 1

— *Eh bien, mon prince. Gênes et Lucques ne sont plus que des apanages, des propriétés, de la famille Buonaparte. Non, je vous prévienne, que si vous ne me dites pas, que nous avons la guerre, si vous vous permettez encore de pallier toutes les infâmies, toutes les atrocités de cet Antichrist (ma parole, j'y crois) — je ne vous connais plus, vous n'êtes plus mon ami, vous n'êtes plus meu verdadeiro escravo, comme vous dites. Ora então boa noite, boa noite. Je vois que je vous fais peur, sente-se e conte.*<sup>1</sup>

Assim falava, em Julho de 1805, a célebre Anna Pávlovna Scherer, dama de honor e pessoa muito próxima da imperatriz Maria Feodorovna, ao receber o príncipe Vassíli, o primeiro a chegar para o serão. Havia alguns dias que Anna Pávlovna tossia, que tinha *gripe*, como se expressava (*gripe* era uma palavra nova, poucas pessoas a empregavam ainda). Nos bilhetinhos que enviara de manhã pelo seu laçao de escarlate, estava escrita a mesma coisa para todos:

«*Si vous n'avez rien de mieux à faire, M. le comte (ou mon prince), et si la perspective de passer la soirée chez une pauvre malade ne vous effraye pas trop, je serai charmée de vous voir chez moi entre 7 et 10 heures. Annette Scherer.*»

— *Dieu, quelle virulente sortie!*<sup>2</sup> — respondeu o príncipe sem se embaçar minimamente com semelhante recepção. Trajava o uniforme

---

<sup>1</sup> Pois bem, meu príncipe. Génova e Luca são apenas apanágios, apenas propriedades, da família Bonaparte. Não, estou a avisá-lo: se não me disser que estamos em guerra, se continuar a permitir-se encobrir as infâmias, todas as atrocidades desse Anticristo (palavra, acredito nisso) — já não o conheço, deixa de ser meu amigo, já não é o meu verdadeiro escravo, como o senhor diz. [...] Vejo que lhe meto medo, [...].

<sup>2</sup> «Se não tiver nada de melhor para fazer, senhor conde (ou meu príncipe), e se a perspectiva de passar o serão em casa de uma pobre doente não o assusta muito, ficaria encantada de o ver em minha casa entre as 7 e as 10 horas. Anna Scherer.»

— Meu Deus, que safada mordaz!

de corte, bordado, meias altas, sapatos, condecorações, uma expressão clara no rosto liso.

Falava aquele francês esmerado em que não só falavam mas também pensavam os nossos avós, com aquelas entoações serenas próprias do homem importante que envelhecera na alta sociedade e na corte. Aproximou-se de Anna Pávlovna, beijou-lhe a mão, ofereceu-lhe por sua vez a careca perfumada e reluzente, sentou-se confortavelmente num divã.

— *Avant tout, dites moi, comment vous allez, chère amie?*<sup>3</sup> Acalme-me — disse ele, sem mudar o tom da voz em que, por trás da delicadeza atenciosa, transparecia a indiferença e, até, a ironia.

— Como é possível estarmos bem de saúde... quando sofremos moralmente? Nos tempos que correm, se tivermos sentimentos, será possível manter-nos tranquilos? — disse Anna Pávlovna. — Ficaré comigo até ao fim do serão, espero?

— E a festa do embaixador inglês? Hoje é quarta-feira. Tenho de passar por lá — disse o príncipe. — A minha filha vem buscar-me e leva-me.

— Pois eu pensava que a recepção de hoje tinha sido cancelada. *Je vous avoue que toutes ces fêtes et tous ces feux d'artifice commencent à devenir insipides.*<sup>4</sup>

— Se soubessem que era esse o seu desejo, teriam anulado a festa — disse o príncipe, movido pelo hábito, como um relógio a que deram corda, de dizer coisas em que nem sequer pretendia que acreditassem.

— *Ne me tourmentez pas. Eh, bien, qu'a-t-on décidé par rapport à la dépêche de Novosilzoff?* Vous savez tout.<sup>5</sup>

— O que lhe posso dizer? — disse o príncipe num tom frio e entediado. — *Qu'a-t-on décidé? On a décidé que Buonaparte a brûlé ses vaisseaux, e je crois que nous sommes en train de brûler les nôtres.*<sup>6</sup>

O príncipe Vassíli falava sempre com preguiça, como um actor que declama o seu papel numa peça já velha. Anna Pávlovna Scherer, pelo contrário, apesar dos seus quarenta anos, era toda agitação, toda ímpetos.

---

<sup>3</sup> Antes de mais nada, minha amiga, diga-me: como passa?

<sup>4</sup> Confesso-lhe que todas estas festas e todos estes fogos-de-artifício começam a tornar-se insípidos.

<sup>5</sup> Não me atormente. E então, o que foi decidido relativamente ao despacho de Novosíltsov? O senhor sabe tudo.

<sup>6</sup> O que se decidiu? Decidiu-se que Bonaparte queimou os seus navios, e que nós estamos em vias de queimar os nossos.

Ser entusiasta tornara-se a sua marca social, e às vezes, mesmo quando não lhe apetecia, mas para não trair as expectativas de quem a conhecesse, mostrava-se entusiasta. Pairava na cara de Anna Pávlovna um sorriso permanente que, embora já não ligasse bem com os seus traços avelhentados, exprimia, como nas crianças mimadas, uma consciência constante do seu simpático defeito, de que não quer nem acha necessário livrar-se.

No meio da conversa sobre política, Anna Pávlovna exaltou-se.

— Ah, não me fale da Áustria! Talvez eu não entenda nada disto, mas a Áustria não quer nem quis nunca a guerra. Atraíça-nos. A Rússia, unicamente, é que tem de ser a salvação da Europa. O nosso benfeitor conhece a sua alta missão e ser-lhe-á fiel. É a única coisa em que acredito. Sua majestade o nosso bom e divino imperador tem pela frente um grandiosíssimo papel no mundo, e é tão virtuoso e perfeito que Deus não o vai abandonar, e cumprirá a sua missão de esmagar a hidra da revolução, ainda mais terrível agora na pessoa deste assassino e facínora. Temos de redimir, nós sozinhos, o sangue dos justos. Pergunto-lhe eu: com quem podemos contar?... A Inglaterra, com o seu espírito comercial, não compreenderá, nem poderá compreender, toda a grandeza da alma do imperador Alexandre. Recusou-se a sair de Malta\*. Quer ver, procura nas nossas acções uma segunda intenção. O que disseram eles a Novossiltsov? Nada. Não compreenderam, são incapazes de compreender a abnegação do nosso imperador, que não quer nada para si, que faz tudo a bem do mundo. O que prometeram eles? Nada. Mesmo alguma coisa que prometeram, não vão cumprir! A Prússia já declarou que Bonaparte é invencível e que a Europa toda junta não pode nada contra ele... E não acredito numa palavra, nem uma, de Hardenberg e de Haugwitz. *Cette fameuse neutralité prussienne, ce n'est qu'un piège.*<sup>7</sup> Só tenho fé em Deus e no alto destino do nosso querido imperador. Ele salvará a Europa!... — Anna Pávlovna parou bruscamente, arvoando um sorriso irónico na intenção da sua própria fogsidade.

— Acho — disse o príncipe, sorrindo — que, se fosse enviada a senhora em vez do nosso querido Wintzingerode, arrancaria à força o consentimento do rei prussiano. A Anna Pávlovna é de facto muito eloquente. Dá-me chá?

— Já dou. À *propos* — acrescentou, voltando a acalmar-se —, hoje terei cá duas interessantíssimas pessoas, *le vicomte de Mortemart, il est allié aux Montmorency par les Rohans*,<sup>8</sup> uma das melhores famílias francesas.

---

<sup>7</sup> Esta famosa neutralidade prussiana não passa de uma armadilha.

<sup>8</sup> A propósito [...], o visconde de Mortemart, aliado aos Montmorency pelos Rohans.

É um dos bons emigrados, dos verdadeiros. E depois *l'abbé Morio*<sup>9</sup>: conhece esse profundo intelecto? Foi recebido por sua majestade. Sabia?

— Ah! Terei muito prazer — disse o príncipe. — Diga-me — acrescentou, como se se tivesse lembrado de alguma coisa e com um ar de indiferença ostensiva, embora a pergunta que ia fazer constituísse o principal objectivo da sua visita —, é verdade que o desejo de *l'impératrice-mère*<sup>10</sup> é que o barão Funke seja nomeado primeiro-secretário em Viena? *C'est un pauvre sire, ce baron, à ce qu'il paraît.*<sup>11</sup> — O príncipe Vassíli desejava para o seu próprio filho este cargo, mas andavam a tentar dá-lo ao barão por intermédio da imperatriz Maria Feodorovna.

Anna Pávlovna semicerrou os olhos em sinal de que nem ela nem qualquer outra pessoa no mundo poderiam julgar sobre o que desejava ou preferia a imperatriz.

— *Monsieur le baron de Funke a été recommandé à l'impératrice-mère par sa soeur*<sup>12</sup> — limitou-se a proferir num tom triste e seco. Quando Anna Pávlovna mencionou o nome da imperatriz, o seu rosto tomou repentinamente uma expressão profunda e sincera de dedicação e respeito, unidos à tristeza, o que lhe acontecia de cada vez que vinha à baila numa conversa o nome da sua alta protectora. Disse que sua majestade a imperatriz se dignava votar *beaucoup d'estime*<sup>13</sup> ao barão Funke, e o seu olhar voltou a enevoar-se de tristeza.

O príncipe calou-se com indiferença. Anna Pávlovna, com a feminina e cortesã habilidade e a delicadeza despachada que lhe eram próprias, quisera assim alfinetar o príncipe por ter ousado referir-se deste modo à pessoa recomendada pela imperatriz; mas quis também consolá-lo.

— *Mais à propos de votre famille*<sup>14</sup> — disse ela —, sabia que a sua filha, desde que começou a aparecer em sociedade, *fait les délices de tout le monde. On la trouve belle, comme le jour.*<sup>15</sup>

O príncipe inclinou-se em sinal de respeito e agradecimento..

— Penso muitas vezes — continuou Anna Pávlovna depois de uma pausa de minuto, chegando-se ao príncipe e sorrindo-lhe com carinho, como a assinalar-lhe que a conversa política acabara e começava a cordial —, penso muitas vezes que, não raro, a felicidade da vida

<sup>9</sup> [...] o abade Morio.

<sup>10</sup> [...] imperatriz-mãe.

<sup>11</sup> Ao que parece, esse barão é um pobre diabo.

<sup>12</sup> O senhor barão de Funke foi recomendado à imperatriz-mãe pela sua irmã.

<sup>13</sup> [...] muita estima.

<sup>14</sup> Mas a propósito da sua família.

<sup>15</sup> [...] faz as delícias de toda a gente. Acham-na bela como a luz do dia.

é distribuída de maneira injusta. Por que é que o destino o dotou de dois filhos tão queridos (excluo o Anatole, o seu mais novo, não gosto dele) — introduziu, peremptória e de sobrolho erguido —, dois filhos tão lindos? E o príncipe, francamente, tem-nos em tão baixa conta que nem os merece.

Anna Pávlovna esboçou o seu sorriso de maravilhamento.

— *Que voulez-vous? Lafater\* aurait dit que je n'ai pas la bosse de la paternité*<sup>16</sup> — disse o príncipe.

— Deixe-se de brincadeiras. Queria falar consigo a sério. Fique sabendo que não estou contente com o seu filho mais novo. Que isto fique entre nós (o rosto dela tomou a expressão triste), mas até já falaram dele ao pé de sua majestade a imperatriz, e com pena de si...

O príncipe não respondia, mas Anna Pávlovna, calada e olhando significativamente para ele, esperava uma resposta. O príncipe Vassíli franziu a cara.

— O que quer que eu faça? — acabou por dizer. — Sabe que fiz tudo o que um pai pode fazer para a educação deles, mas ambos me saíram *des imbéciles*<sup>17</sup>. O Ippolit, ao menos, é um imbecil sossegado, mas o Anatole é um inquieto. É a única diferença — disse, sorrindo com menos animação e naturalidade do que era seu costume, revelando-se-lhe nos vincos nas comissuras dos lábios, com uma acentuação especial, qualquer coisa de inesperadamente grosseiro e desagradável.

— Para que nascem filhos a pessoas como o senhor? Se não fosse pai, não teria nada a censurar-lhe — disse Anna Pávlovna, erguendo pensativamente os olhos.

— *Je suis votre fiel esclave, et à vous seule je puis l'avouer*.<sup>18</sup> Os meus filhos... *ce sont les entraves de mon existence*.<sup>19</sup> É a minha cruz. É assim que o explico a mim mesmo. *Que voulez-vous?*<sup>20</sup>... — Calou-se, com um gesto de resignação perante o destino cruel.

Anna Pávlovna reflectia.

— O príncipe nunca pensou em casar o seu filho pródigo Anatole... Dizem — continuou — que as solteironas *ont la manie des mariages*.<sup>21</sup> Ainda não sinto essa fraqueza em mim, mas tenho uma *petite personne* que se sente muito infeliz com o pai, *une parente à nous, une princesse*<sup>22</sup>

---

<sup>16</sup> Que quer? Lafater teria dito que não tenho a bossa da paternidade.

<sup>17</sup> [...] uns imbecis.

<sup>18</sup> Sou seu fiel escravo, e só a si o posso confessar.

<sup>19</sup> [...] são os entraves da minha vida.

<sup>20</sup> Que quer?

<sup>21</sup> [...] têm a mania dos casamentos.

<sup>22</sup> ... uma parente nossa, uma princesa [...].

Bolkônskaia. — O príncipe Vassíli não respondeu, embora, com a rapidez de percepção e a memória próprias da gente da alta sociedade, tenha mostrado com um movimento de cabeça que tomara em conta a informação.

— Não sei se sabe, mas este Anatole custa-me quarenta mil rublos por ano — disse, pelos vistos sem forças para conter o triste curso dos seus pensamentos. Calou-se por um instante. — A continuar assim, como será dentro de cinco anos? *Voilà l'avantage d'être père.*<sup>23</sup> Ela é rica, a sua princesa?

— O pai é muito rico e avarento. Vive na aldeia. Sabe, é o famoso príncipe Bolkônski, mandado retirar do serviço ainda no tempo do defunto imperador e alcunhado de «rei prussiano». É um homem muito inteligente, mas esquisitão, com um feitio difícil. *La pauvre petite est malheureuse como les pierres.*<sup>24</sup> Tem um irmão, aquele que se casou há pouco com a Lise Meinen e é ajudante-de-campo de Kutúzov. Esse também vai cá estar hoje.

— *Écoutez, chère Annette* — disse o príncipe, pegando de repente na mão da interlocutora e, sabe-se lá porquê, puxando-lha para baixo. — *Arrangez-moi cette affaire et je suis votre fidelíssimo escravo à tout jamais* (ou *escrabo, comme mon regedor m'écrit des relatórios: com b*).<sup>25</sup> É de boa linhagem e é rica. Para mim é quanto basta.

E, com os livres, graciosos e familiares movimentos que eram os dele, pegou na mãozinha da dama de honor, beijou-lha e, depois de beijada, abanou a mãozinha da dama de honor, refestelando-se na poltrona e olhando para o lado.

— *Attendez* — disse Anna Pávlovna, reflectindo. — Hoje mesmo vou falar com Lise (*la femme du jeune Bolkônski*). E talvez arranje a coisa. *Ce sera dans votre famille que je ferai mon apprentissage de vieille fille.*<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> É esta a vantagem de ser pai.

<sup>24</sup> A pobre pequena é o cúmulo da infelicidade.

<sup>25</sup> — Ouça, querida Annette. [...] Arranje-me esse negócio [...] para sempre [...] como o meu regedor escreve [...].

<sup>26</sup> [...] a mulher do jovem [...]. Será na sua família que farei a minha aprendizagem de solteirona.

## 2

A sala de estar de Anna Pávlovna começou a pouco e pouco a encher-se. Caía ali a mais alta aristocracia de Petersburgo, pessoas do mais variado em idade e feitio, mas iguais pela sociedade em que viviam; chegou a filha do príncipe Vassíli, a bela Héléne, que viera buscar o pai para irem juntos à festa do embaixador. Trazia vestido de baile e ostentava *le chiffre*\*. Chegou também a jovem e pequenina princesa Bolkônskaia, conhecida como *la femme la plus séduisante de Petersbourg*,<sup>27</sup> que se casara no Inverno e não ia agora à grande sociedade por causa da gravidez, frequentando apenas os pequenos serões. Chegou o príncipe Ippolit, filho do príncipe Vassíli, na companhia de Mortemart, a quem apresentou. Chegou também o abade Morio e muitos outros.

— Ainda não viu —, ou: — ainda não conhece *ma tante*<sup>28</sup>? — dizia Anna Pávlovna aos recém-chegados e levava-os, com toda a seriedade, até junto de uma velhinha pequena, toda armada de grandes laços, que fizera a sua aparição vinda de outra sala mal começaram a chegar os convidados. A anfitriã dizia o nome deles, passando lentamente o olhar do convidado para *ma tante*, depois afastava-se.

Todos os convidados cumpriam o ritual de cumprimentar a titi que ninguém conhecia, que não interessava a ninguém, de quem ninguém precisava. Anna Pávlovna observava os cumprimentos com uma atenção triste e solene, aprovando-os silenciosamente. *Ma tante* falava com cada qual, utilizando exactamente as mesmas expressões, sobre a saúde dele, a dela própria e a de sua majestade a imperatriz que, neste dia,

---

<sup>27</sup> [...] a mulher mais sedutora de Petersburgo.

<sup>28</sup> [...] a minha tia.



estava melhor graças a Deus. Todos os apresentados, que por força das conveniências evitavam mostrar pressa, afastavam-se depois da velhinha com o sentimento de terem cumprido a sua penosa obrigação e o alívio de já não terem de se lhe dirigir durante todo o resto do serão.

A jovem princesa Bolkônskaia trouxera o trabalho de mãos num saquinho de veludo bordado a ouro. O seu labiozinho superior, bem bonito, com um leve buço escuro, era porém um tudo-nada curto, mas por isso se abria tão graciosamente ou, então, ainda mais graciosamente se alongava, às vezes, e descia sobre o lábio inferior. Como acontece às mulheres muito atraentes, o seu defeito — o lábio estreito e a boca meia aberta — acrescentava-lhe uma beleza particular, só dela. Era um prazer para todos olhar para aquela linda futura mãe, cheia de saúde e vivacidade, que suportava com tanta facilidade o seu estado. Com alguns minutos de companhia e conversa, a princesinha parecia contagiar até os velhos e os jovens entediados. Quem lhe falava e via brilhar, a cada palavra, o sorriso claro e os dentes brancos da princesa, julgava-se ele próprio extremamente gentil nesta noite. Ninguém fugia a isso.

A princesinha, saracoteando-se num passo miúdo e célere, contornou com o seu saquinho a mesa e, ajeitando alegremente o vestido, sentou-se no divã, perto do samovar de prata, como se tudo o que fizesse fosse uma *partie de plaisir*<sup>29</sup> para si e para todos os circundantes.

— *J'ai apporté mon ouvrage*<sup>30</sup> — disse, abrindo o seu indispensável e dirigindo-se a todos em geral.

— Veja lá, Annette, *ne me jouez pas un mauvais tour* — dirigiu-se à dona de casa. — *Vous m'avez écrit que c'était une toute petite soirée; voyez comme je suis attifée.*<sup>31</sup>

E abriu os braços para mostrar o seu elegante vestido cinzento às rendinhas, cingido um pouco abaixo dos seios por uma faixa larga.

— *Soyez tranquille, Lise, vous serez toujours la plus jolie*<sup>32</sup> — respondeu Anna Pávlovna.

— *Vous savez, mon mari m'abandonne* — continuou a princesa no mesmo tom, dirigindo-se a um general —, *il va se faire tuer. Dites-moi pourquoi cette vilaine guerre*<sup>33</sup> — disse ao príncipe Vassíli e, sem esperar pela resposta, virou-se logo para a bela Hélène, filha deste.

---

<sup>29</sup> Divertimento.

<sup>30</sup> Trouxe o meu trabalho.

<sup>31</sup> [...] Annette, não me pregue uma partida feia. [...] Escreveu-me que era um pequeno serão; veja como estou ataviada.

<sup>32</sup> Esteja tranquila, Lise, será sempre a mais bonita.

<sup>33</sup> Sabe, o meu marido abandona-me, [...] vai deixar-se matar. Diga-me por que há esta maldita guerra.

— *Quelle délicieuse personne, que cette petite princesse!*<sup>34</sup> — disse o príncipe Vassíli baixinho a Anna Pávlovna.

Logo após a princesinha entrou um jovem corpulento, gordo, de cabelo cortado curto, calção claro à moda da época, casaca castanha, peitilhos aos folhos grandes. O moço gordinho era filho ilegítimo do famoso dignitário da corte de Catarina II conde Bezúkhov, no momento em Moscovo, às portas da morte. O jovem ainda não servia em lado algum, acabava de chegar do estrangeiro onde fazia a sua educação, e era a primeira vez que estava em sociedade. A vénia com que Anna Pávlovna o saudou era a que atribuía às pessoas de grau inferior na hierarquia do seu salão. Apesar de tal cumprimento subalterno, na cara de Anna Pávlovna, à vista de Pierre, pintaram-se aquela preocupação e aquele susto que se tem à vista de alguma coisa demasiado volumosa e imprópria para o lugar. Mas, embora Pierre fosse um pouco maior do que os outros todos na sala, tal medo apenas podia ser causado pelo olhar do jovem, tímido e, ao mesmo tempo, inteligente, observador e natural, que o distinguia de toda a outra gente na sala.

— *C'est bien aimable à vous, monsieur Pierre, d'être venu voir une pauvre malade*<sup>35</sup> — disse-lhe Anna Pávlovna, trocando olhares assustados com a titi a quem levava o moço. Pierre murmurou algo incompreensível e não parou de procurar qualquer coisa com os olhos. Sorriu com felicidade e alegria à princesinha, como a uma boa amiga, e aproximou-se da titi. Não era em vão que Anna Pávlovna tinha medo, já que Pierre, sem ouvir até ao fim o discurso da tia sobre a saúde de sua majestade a imperatriz, se afastou dela. Anna Pávlovna, com ar de susto, deteve-o com as seguintes palavras:

— O senhor não conhece o abade Morio? É uma pessoa muito interessante — disse.

— Sim, já ouvi falar do seu plano de paz eterna. É muito interessante, mas dificilmente é viável...

— Acha?... — disse Anna Pávlovna só para dizer alguma coisa e voltar às suas ocupações de anfitriã; mas Pierre cometeu uma indelicadeza de sinal contrário à que já cometera. Se antes largara uma interlocutora sem a ouvir até ao fim, desta feita retinha com a sua conversa uma interlocutora que precisava de se afastar dele. Inclinando a cabeça e abrindo as pernas grandes, pôs-se a provar a Anna Pávlovna por que razão opinava que o plano do abade era quimérico.

— Falamos mais tarde — disse Anna Pávlovna, sorrindo.

---

<sup>34</sup> Que deliciosa criatura é esta princesinha!

<sup>35</sup> É muito amável da sua parte, *monsieur Pierre*, ter vindo ver uma pobre doente.

E, livrando-se do jovem que não sabia viver, voltou aos seus afazeres de anfitriã, continuou a escutar e a espreitar, pronta a dar uma ajuda em qualquer ponto onde a conversa esmorecesse. Como o patrão da tecelagem que, depois de colocar os trabalhadores nos respectivos postos, se passeia pela oficina, atento a qualquer paragem ou a qualquer ruído invulgar, rangente ou alto demais do fuso, parando-o ou repondo-o num funcionamento correcto — assim Anna Pávlovna, passeando pela sua sala de estar, se aproximava de um círculo repentinamente calado, ou de outro demasiado loquaz, e, mediante uma palavrinha ou uma deslocação de interlocutores, voltava a pôr em funcionamento regular e conveniente a máquina conversadora. Porém, mesmo no meio das suas diligências continuava a ser visível o medo que lhe causava Pierre. Lançou-lhe olhares de preocupação quando ele foi ver o que se dizia em volta de Mortemart e também quando ele passou para outro círculo, em que perorava o abade. Para Pierre, educado no estrangeiro, este serão de Anna Pávlovna era o seu primeiro na Rússia. Sabia que estava ali reunida toda a intelectualidade de Petersburgo e, como uma criança na loja de brinquedos, não sabia o que escolher. Preocupava-o muito deixar passar conversas inteligentes que tinha a oportunidade de ouvir. Olhando para aquelas expressões de rostos elegantes e seguros de si, estava sempre à espera de apanhar alguma coisa de uma inteligência invulgar. Por fim, aproximou-se de Morio. A conversa pareceu-lhe interessante e ficou a aguardar a ocasião de exprimir as suas ideias, coisa de que tanto gostam os jovens.

### 3

O serão de Anna Pávlovna entrou em funcionamento. Os fusos zumbiam por todo o lado, regulares, sem paragens. Exceptuando *ma tante*, ao lado de quem apenas se sentou uma senhora idosa de rosto lacrimajante e magro, um tanto alheia à brilhante sociedade, os convidados formaram três grupos. Um deles, masculino, tinha por epicentro o abade; outro, juvenil, a bela princesa Héléne, filha do príncipe Vassíli, e a princesinha Bolkônskaia, bonitinha, de faces coradas, demasiado gorducha para a idade; no terceiro imperavam Mortemart e Anna Pávlovna.

O visconde era um jovem bem apessoado, com traços e modos suaves, que, por certo, se achava uma celebridade, mas, bem educado que também era, concedia modestamente àquela sociedade o direito de se aproveitar da sua companhia. E Anna Pávlovna, pelos vistos, servia-o aos seus convidados. Como um bom *maître d'hôtel* serve como prato invulgarmente maravilhoso um pedaço de carne de vaca que não teríamos coragem de comer se o víssemos numa cozinha suja, assim Anna Pávlovna, no serão, serviu aos seus convidados o visconde, primeiro, e o abade, depois, como pratos de extraordinário requinte. No círculo de Mortemart começou de imediato a falar-se do assassinio de Enghien\*. O visconde explicou que Enghien morrera por causa da sua magnanimidade e que existiam razões especiais para a raiva de Bonaparte.

— *Ah, voyons. Contez-nous cela, vicomte*<sup>36</sup> — pediu Anna Pávlovna, sentindo com alegria que esta frase tinha um certo sabor *à la Louis XV* —, *contez-nous cela, vicomte*.

---

<sup>36</sup> Ah, ora então. Conte-nos isso, visconde.

O visconde fez uma vénia em sinal de obediência e sorriu com cortesia. Anna Pávlovna mandou fazer roda, pôs o visconde no meio e convidou toda a gente a ouvi-lo.

— *Le vicomte a été personnellement connu de monseigneur*<sup>37</sup> — sussurrou Anna Pávlovna ao ouvido de um convidado. — *Le vicomte est un parfait conteur*<sup>38</sup> — sussurrou a outro. — *Comme on voit l'homme de la bonne compagnie*<sup>39</sup> — sussurrou a um terceiro; e assim foi servido à sociedade o visconde, a uma das mais elegantes e vantajosas luzes para ele, como rosbife em prato aquecido, coberto de ervas aromáticas.

O visconde já queria começar e esboçou um sorriso fino.

— Passe para aqui, *chère Hélène* — disse Anna Pávlovna à bela princesa, que estava um pouco afastada, como centro de outro círculo.

A princesa Hélène sorria e, com o mesmo sorriso de mulher absolutamente bela com que entrara no salão, levantou-se. Fazendo rocegar docemente o seu vestido branco de baile, todo botões e chorões, brilhando da brancura dos ombros, reluzindo do cabelo com diamantes, rompendo a direito, sem olhar para ninguém, mas sorrindo para todos e como que oferecendo a todos o direito de lhe admirarem a beleza do talhe, dos ombros redondinhos, do peito e das costas muito desnudadas de acordo com a moda, e, como se trouxesse consigo o brilho de um baile, aproximou-se de Anna Pávlovna. Hélène era tão bonita que não só não se notava nela sombra de coqueteria como, pelo contrário, parecia envergonhar-se da sua beleza indubitável e do seu efeito demasiado forte e triunfante. Como se quisesse mas não conseguisse atenuar o efeito da sua beleza.

— *Quelle belle personne!*<sup>40</sup> — dizia quem quer que a olhasse. Como que pasmado por um qualquer fenómeno extraordinário, o visconde encolheu os ombros e baixou os olhos enquanto Hélène se sentava à sua frente e o iluminava, também a ele, com o mesmo sorriso imutável.

— *Madame, je crains pour mes moyens devant un pareil auditoire*<sup>41</sup> — disse ele com um sorriso e inclinando a cabeça.

A princesa apoiou o cotovelo do braço desnudo e roliço em cima da mesinha e não achou necessário dizer fosse o que fosse. Esperava, sorrindo. Durante a narração do visconde manteve-se sempre de costas

---

<sup>37</sup> O visconde é um conhecido pessoal de monsenhor.

<sup>38</sup> O visconde é um contador perfeito.

<sup>39</sup> Como se vê o homem de boa companhia.

<sup>40</sup> Que bela criatura.

<sup>41</sup> Minha senhora, temo pelos meus meios perante um tal auditório.

direitas, lançando os olhos ora para o seu braço roliço deitado na mesa, imponderável, ora para o seu peito, ainda mais belo, sobre o qual ajustava o colar de diamantes; por várias vezes ajeitou as pregas do vestido e, sempre que o relato produzia os seus efeitos, olhava para Anna Pávlovna, assumindo a mesma expressão de rosto da dama de honra da imperatriz, mas logo voltava a sossegar-se no seu sorriso reluzente. Após Hélène veio também a princesinha, abandonando a mesa de chá.

— *Attendez-moi, je vais prendre mon ouvrage* — disse ela. — *Voyons, à quoi pensez vous?* — dirigiu-se ao príncipe Ippolit: — *apportez-moi mon ridicule.*<sup>42</sup>

A princesa, sempre a sorrir e a falar com toda a gente, fez mudar os lugares todos num instante e, depois de instalada, ajeitou alegremente o vestido.

— Agora estou bem — repetia e, pedindo que começassem, deitou mãos à obra.

O príncipe Ippolit trouxe-lhe o indispensável e também ficou no círculo do visconde; acercando muito o seu cadeirão do dela, sentou-se.

*Le charmant Hippolyte*<sup>43</sup> impressionava pela sua extraordinária aparência com a bela irmã e ainda mais pelo facto de, apesar da aparência, ser incrivelmente feio. Tinha os mesmos traços de rosto da irmã mas, nesta, tudo se iluminava com um sorriso jovial, contente, jovem, constante e, também, com a invulgar beleza do seu corpo, uma beleza de antiguidade clássica; no irmão, pelo contrário, o mesmo rosto era enevoado pela idiotice e tinha a expressão constante de um descontentamento presunçoso; quanto ao corpo, era magro e fraco. Os olhos, o nariz, a boca — tudo parecia resumir-se no mesmo trejeito indefinido e aborrecido; as mãos e os pés estavam-lhe sempre numa postura antinatural.

— *Ce n'est pas une histoire de revenants?*<sup>44</sup> — perguntou ele depois de se ter sentado ao lado da princesa e ajustando apressadamente o lornhão aos olhos, como se não pudesse começar a falar sem este instrumento.

— *Mais non, mon cher* — respondeu o narrador, surpreendido, encolhendo os ombros.

---

<sup>42</sup> Espere, vou buscar o meu trabalho. [...] Então, no que está a pensar? [...] traga-me o meu saquinho.

<sup>43</sup> O encantador Ippolit.

<sup>44</sup> Não é uma história de almas penadas?

— *C'est que je deteste les histoires de revenants*<sup>45</sup> — disse o príncipe Ippolit num tom que mostrava bem o seguinte: que dissera primeiro estas palavras e só depois percebera o que significavam.

Graças à presunção com que falava, ninguém chegava a saber se o que dizia era muito inteligente ou muito estúpido. Vestia casaca verde-escura, calção cor de *cuisse de nymphe effrayée*<sup>46</sup>, como ele próprio dizia, meias altas e sapatos.

O *vicomte* contou com muita graça uma história que corria na época sobre o duque de Enghien, o qual ia secretamente a Paris encontrar-se com *Mademoiselle* George e, ali, teria cruzado uma vez com Napoleão, que também gozava dos favores da famosa actriz; e que Napoleão, ao esbarrar com o duque, teria tido um daqueles desmaios a que era atreito, ficando assim em poder do duque, o que este não aproveitou. Bonaparte, porém, vingou-se do duque mais tarde, precisamente por causa da sua magnanimidade, mandando matá-lo.

Fez um relato muito vivo e curioso, sobretudo na parte em que os rivais, de repente, se reconhecem um ao outro. As senhoras pareciam emocionadas.

— *Charmant*<sup>47</sup> — disse Anna Pávlovna, virando interrogativamente a cabeça para a princesinha.

— *Charmant* — sussurrou a princesinha, espetando a agulha no bordado de qualquer maneira, como que em sinal de que o encanto da curiosa história lhe impedia de continuar o trabalho.

O visconde deu alto valor a este elogio silencioso e, sorrindo com gratidão, continuou. Nisto, Anna Pávlovna, que não parava de lançar olhadas para o jovem assustador, reparou que este falava com demasiado ardor e alto demais com o abade, e apressou-se a ir em socorro para o lugar perigoso. Realmente, Pierre conseguira entabular com o abade uma conversa sobre o equilíbrio político, e o abade, por certo interessado pela ingénua fogosidade do jovem, desenvolvia na sua intenção a sua ideia preferida. Os dois ouviam-se e interpelavam-se de uma maneira demasiado animada e natural para o gosto de Anna Pávlovna.

— O meio é o equilíbrio europeu e o *droit des gens*<sup>48</sup> — dizia o abade. — Basta que um Estado poderoso como a Rússia, famosa pela sua barbárie, se ponha desinteressadamente à cabeça de uma aliança que tenha por objectivo o equilíbrio da Europa, e salvará o mundo!

---

<sup>45</sup> É que eu detesto as histórias de almas penadas.

<sup>46</sup> [...] coxa de ninfa assustada.

<sup>47</sup> Encantador.

<sup>48</sup> [...] direito dos povos.

— E como achará um tal equilíbrio? — recomeçava Pierre, mas Anna Pávlovna, lançando um olhar severo a Pierre, perguntou ao padre italiano como aguentava o clima local. A cara do italiano mudou num instante e tomou uma expressão de fingimento e doçura insultuosos, expressão que, pelos vistos, lhe era habitual na conversação com as senhoras.

— Estou tão fascinado com a inteligência e a cultura da sociedade, sobretudo feminina, em que tive a felicidade de ser recebido, que não tive ainda tempo de pensar no clima — disse.

Sem largar mais o abade e Pierre, Anna Pávlovna, para que fosse mais cómodo vigiá-los, juntou-os ao círculo mais geral.

Entrou então na sala uma nova personalidade. A nova personalidade era o jovem príncipe Andrei Bolkônski, marido da princesinha. O príncipe Bolkônski era um jovem bastante bonito de pequena estatura, senhor de uns traços fisionómicos bem definidos e secos. Tudo na sua figura, desde o olhar cansado e entediado até à cadência vagarosa do seu passo, era de um contraste pronunciado com a sua pequenina e animada esposa. Por certo não só conhecia toda a gente que estava no salão como já estava de tal modo farto de todos que lhe era enfadonho olhar para eles e ouvi-los falar. De entre todos os rostos que o aborreciam, era do da sua mulher, ao que parecia, que estava mais farto. Com um trejeito que lhe desfeava a cara bonita, virou-lhe as costas. Beijou a mão de Anna Pávlovna e, estreitando os olhos, passou-os por toda a reunião.

— *Vous vous enrôlez pour la guerre, mon prince?*<sup>49</sup> — perguntou-lhe Anna Pávlovna.

— *Le général Koutouzoff* — disse Bolkônski, acentuando bem a última sílaba zoff, como um francês — *a bien voulu de moi pour aide-de-camp...*<sup>50</sup>

— *Et Lise, votre femme?*<sup>51</sup>

— Vai para a aldeia.

— É um pecado privar-nos da sua encantadora mulher.

— André — disse a esposa, dirigindo-se ao marido no mesmo tom dengoso com que falava aos estranhos —, que história nos contou o visconde sobre *mademoiselle* George e Bonaparte!

O príncipe Andrei franziu os olhos e virou-lhe as costas. Pierre que, desde que o príncipe Andrei entrara não tirava dele uns olhos risonhos

---

<sup>49</sup> Alista-se para a guerra, meu príncipe?

<sup>50</sup> O general Kutúzov [...] quis-me para seu ajudante-de-campo...

<sup>51</sup> E a sua mulher Lisa?



e amigáveis, aproximou-se dele e pegou-lhe na mão. O príncipe Andrei, sem se virar, franziu a cara numa careta de desagrado para quem assim lhe pegava na mão mas, ao encontrar a cara sorridente de Pierre, abriu-se num sorriso inesperadamente bondoso e simpático.

— Ena!... Também tu na alta sociedade! — disse a Pierre.

— Sabia que o senhor vinha — respondeu este. — Vou jantar a sua casa — acrescentou baixinho, para não estorvar o relato do visconde. — Posso?

— Não, não pode — disse o príncipe Andrei, rindo e apertando-lhe a mão, dando a saber a Pierre que não precisava sequer de lho perguntar. Queria dizer mais alguma coisa mas, no preciso momento, levantaram-se o príncipe Vassíli e a filha e, logo, ergueram-se os homens para os deixarem passar.

— Desculpe, caro visconde — disse o príncipe Vassíli ao francês, puxando-lhe meigamente a manga para baixo, para que não se levantasse. — Esta desgraçada festa do embaixador priva-me do prazer de o continuar a ouvir e obriga-me a interrompê-lo. É muito triste para mim abandonar o seu maravilhoso serão — disse a Anna Pávlovna.

Sua filha Hélène, segurando levemente as pregas do vestido, passava por entre as cadeiras, com o sorriso a brilhar ainda mais no seu belo rosto. Pierre, quando lhe passava ao lado aquela beldade, seguiu-a com os olhos maravilhados, quase assustados.

— É muito bonita — disse o príncipe Andrei.

— É — disse Pierre.

O príncipe Vassíli, de passagem, pegou em Pierre pela mão e dirigiu-se a Anna Pávlovna.

— Eduque-me este urso — disse. — Há já um mês que vive em minha casa, mas é a primeira vez que o vejo em sociedade. Não há nada que faça mais falta a um jovem do que a companhia de mulheres inteligentes.